

Os Dois Sorrisos

1232

RUBEM BRAGA

«EU só quero ver o que você vai escrever sobre esse incrível pacto de Lisboa!»

Incrível não acho, minha senhora. Essas coisas acontecem na política, e até já aconteceram coisas menos críveis. O que, parece-me, agravou um pouquinho o caso foi a fotografia em que os dois políticos aparecem a sorrir. São sorrisos abertos, alegres, mais risos que sorrisos. Sorrir não é crime, nem é feio. Mas o caso é que a reconciliação de dois políticos deixa sempre sem jeito os partidários de um e outro. Sentem-se eles, de um certo modo, traídos pelos seus chefes. O lacerdista sabe perfeitamente que vários conhecidos o atormentarão com troças e debiques: «Então, seu chefe agora é amiguinho do Jusça, hein?» Do outro lado, os juscelistas, habituados a detestar o sr. Carlos Lacerda, homem especialista em ser amado e em ser odiado, têm dificuldades em digerir esse pacto; e quando o aceitam é com a cara de quem engoliu um sapo, um grande sapo negro.

A fotografia, minha senhora, agrava horrivelmente esses sentimentos. Para um marido, saber que foi enganado é horrível. A dor aumenta, porém, diante de uma prova física: uma fotografia, uma gravação. A mensagem conjunta, falando nos altos interesses da Nação, é uma coisa; mas a foto, a foto é que dói.

«Isso é truque fotográfico, é montagem!» — exclamou, revoltada, uma ilustre senhora lacerdista a um amigo meu, jornalista. Ele não quis discutir; mas vir a telefoto quando chegou à sua redação. Afinal não há nada de mais nos sorrisos. O sr. Carlos Lacerda, quando quer ser simpático, é um homem encantador, cheio de calor e de espírito; e o sr. Juscelino Kubitschek é dono de um charme natural irresistível; é difícil, a uma pessoa que o conheça pessoalmente, deixar de estimá-lo, tal a sua naturalidade e o seu jeito cordial. Não admira, portanto, que sorrissem ambos; era, a bem dizer, inevitável. Não, o mal não está nos sorrisos, está na fotografia deles.

Pergunta-me a senhora o que fará o marechal Castelo; se vai cassar o sr. Lacerda, já que o outro não pode ser mais cassado. Conheço muito pouco o marechal e, para lhe falar com franqueza, conheço-o cada dia menos. Ele tem me surpreendido várias vezes; na maioria delas, confesso, para pior; mas às vezes também para melhor — e me apresso aqui, mesmo saindo do assunto propriamente político, a dizer minha excelente surpresa com o decreto que estabelece a aplicação da correção monetária nos débitos das empresas para com os empregados — decreto justíssimo, que vem impedir os patrões de usar de sua superioridade financeira para demorar e, portanto, com a inflação, amesquinhar a paga do trabalhador. Eis uma grande mostra de equidade verdadeira, prática, sem demagogia, que honra essa Revolução.

Bem, mas como eu ia dizendo... O resto fica para outro dia, minha senhora, e, por favor, desfaça essa careta e sorria a senhora também, já que os homens lá em Lisboa sorriram tanto.

23/11/66